

O GOLEIRO ARANHA PERDE A POSE DIANTE DA VIZINHA

Preguiça. Foi isso que levou o menino RONALDO a trocar o meio-campo pelas traves. “Quando comecei a jogar bola, era centroavante. Mas o campo era muito grande e pedi para jogar no gol.” Pois não é que deu certo? A defesa do Brazlândia é a menos vazada do **CAMPEONATO BRASILENSE** de futebol, ao lado do time do Brasiense, com nove gols sofridos em 13 jogos. Para sorte de *Aranha*, que em vez de puxões de orelha, costuma ganhar frutas e água mineral de Aete, o pioneiro que faz serviços voluntários no clube.

O nome de batismo é Ronaldo Melo da Silva. *Aranha* é só apelido — inventado pelo cronista esportivo Marcelo Ramos. “Ele começou a me chamar assim porque eu só usava uniformes pretos”, explica. Quando o apelido pegou, o goleiro mandou bordar uma aranha amarela em um dos uniformes.

Ronaldo começou a jogar bola aos 14 anos. Era atleta do Dom Bosco — clube amador de Ceilândia. Depois de lá, foi fechar o gol em outros campos. No Distrito Federal, jogou em clubes como Sobradinho, Taguatinga, Gama, Ceilandense e Brasília. Atuou ainda pelo Marília, Tupã e Taquaritinga (de São Paulo); Anapolina, Atlético Goianense, Jataiense, Quirinópolis (de Goiás); Atlético Paranaense e Arapongas (do Paraná); Imperatriz (do Maranhão); e Catuense (da Bahia).

O goleiro passou oito anos fora do Planalto Central e quase foi parar no exterior. “Quando jogava no Arapongas, acertei a negociação com o Larissa da Grécia.” Ele já estava de malas prontas, quando foi expulso de um jogo porque agrediu o juiz. “Tomei um ano de suspensão e perdi o contrato”, lamenta. Mas já são águas passadas.

Ronaldo tem 37 anos e gosta de jogar no Brazlândia. Só acha que o futebol candango ainda está engatinhando. “Em Brasília, as estrelas são os dirigentes e não os jogadores. Acho que em outros estados há mais profissionalismo”, compara.

Aranha vive exclusivamente do esporte. Não revela quanto ganha, mas garante que dá para sustentar mulher e filhos. Há colegas dele que precisam trabalhar longe dos gramados, para alimentar a família. “O jogador que tem duplo emprego sofre muito. É difícil ser profissional da bola e ainda se dedicar a outra atividade. O cara não joga com a mesma disposição”, explica o goleiro.

Ronaldo estudou até o 1º ano do 2º grau. Queria ter terminado os estudos, mas foi engolido pela rotina de treinamentos e competições. Os três filhos dele estudam. “Não sei se os meninos vão querer jogar bola profissionalmente. Mas também não me preocupo com isso. Deixo a critério deles.”

O goleiro mora com a família no Setor P Sul, em Ceilândia. Quis ser entrevistado na casa dos sogros, que moram na QNP 26 — também no P Sul. Foi fotografado no meio da rua, ao lado de três garotos que jogavam futebol no asfalto quente.

Quando posava para o repórter fotográfico do *Correio*, Ronaldo *Aranha* ficou envergonhado com os risinhos debochados da vizinha Mailde Dias, que atravessava a rua.



ARANHA, COMO RONALDO É CONHECIDO, FICOU ENVERGONHADO AO TIRAR FOTOS NO MEIO DA RUA. O BRAZLÂNDIA É O 17º TIME EM QUE O GOLEIRO JOGA

A MENINA QUE VEIO DO INTERIOR PARA GANHAR DINHEIRO

Mailde só conheceu o Plano Piloto dois meses depois de chegar do Piauí: não se empolgou com a Torre de TV, mas achou a cidade bonita. A sorridente e debochada mulher — MAILDE Dias de Souza — que via o *Aranha* tirar fotos na rua chegou há dois meses ao DF. Descambou do Piauí para cá porque Corrente — onde nasceu — é mais perto de Brasília que de Teresina. Não conhece muita gente em Ceilândia, só a conterrânea que lhe arranhou o emprego de doméstica em casa de família.

Mailde tem 17 anos. O sorriso é tímido. Fala

pouco. Veio ganhar dinheiro. Não se decepcionou: o serviço em Ceilândia rende R\$ 150 por mês — três vezes mais do que ganhava em Corrente. Do que recebe, R\$ 40 vão para o aluguel do quarto onde mora com a amiga. Com o resto, compra roupas. “Quero juntar e mandar para a família.”

A menina divide o tempo entre o trabalho e os estudos. À noite, depois de pegar as netas da patroa no colégio, arruma os próprios livros e vai a pé até a escola, onde cursa a 7ª série. Tem as tardes de sábado e os domingos livres. Não costuma passear. “Na folga arrumo o quarto e lavo minhas roupas. Chego ao domingo cansada e sem vontade de sair.” Por isso, não foi ao show de Frank Aguiar, no Pistão Sul. Dormiu.

Até a semana passada, não conhecia o Plano Piloto. Nem de foto, nem pela TV. “Tenho vontade de ir lá. Mas não tive chance.” Naquela tarde de sábado, vestiu calça *jeans* e camisa

branca para conhecer a cidade. Pôs uma bolsa preta nas costas e passou perfume.

Entre Ceilândia e Brasília, não disse nada. Quando chegou ao Plano Piloto, não se empolgou com a Torre de TV. Gostou dos prédios espelhados do Setor Hoteleiro Norte. Arregalou os olhos na **ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS**, desceu do carro e conferiu o espelho d’água do Congresso Nacional. Jogou milho para os pombos na Praça dos Três Poderes. Incomodou-se com o sol de fim de tarde. No fim do passeio, resumiu em duas palavras as impressões que teve de Brasília:

— É bonita.

Nada mais. Antes de ir embora, uma vendedora da Praça dos Três Poderes ofereceu-lhe pipoca doce. “Não gosto disso. Nem doce nem salgada”, respondeu. A vendedora sorriu sem graça e virou-se para Verônica — uma amazonense de 30 anos, que comprou quatro saquinhos da pipoca salgada.

CAMPEONATO BRASILENSE.

Flamengo x Vasco da Gama não é um clássico apenas do campeonato carioca, mas também do brasileiro. Claro, bem menos glamoroso, pois as equipes são da segunda divisão de Brasília. O primeiro campeonato profissional de futebol do DF aconteceu em 1976 e teve como campeão o Brasília, ainda hoje um dos maiores vencedores com oito troféus, mesmo número de títulos do Gama. Antes disso, era amador e brilhavam equipes como o Ceub, Defelê e Rabelo. Até hoje o brasileiro ainda vive entre o amadorismo e o profissionalismo. Ao contrário do goleiro Ronaldo, do líder invicto Brazlândia, muitos atletas são obrigados a ter outro emprego para complementar a renda. Bira, do Aruc, é cobrador de ônibus, e Elmo, do Guará, é recepcionista. Nota triste: o atacante Joãozinho, três vezes artilheiro do campeonato, hoje se encontra preso por atentado violento ao pudor.

ESPLANADA DOS MINISTÉRIOS.

A piauiense Mailde faz parte de uma estatística positiva para Brasília: 99% das pessoas que passam por aqui ficam bem impressionadas com a cidade. O cartão postal preferido é a Esplanada dos Ministérios, que recebe 12% dos turistas. A Torre de TV, Praça dos Três Poderes e Catedral vêm logo atrás com 9% de preferência, cada uma. Brasília recebe 1 milhão e 200 mil visitantes todos os anos. Gente que gasta, por dia, R\$ 264, se desloca de táxi (37%), vem a trabalho ou negócios (47%) e fica na cidade de dois a cinco dias (30%). Mas apesar dos números, a ocupação média nos 41 hotéis da capital é de 54%. Graças às casas de parentes e amigos que abrigam 45% das pessoas que chegam à cidade.



MAILDE SÓ CONHECEU O PLANO PILOTO DOIS MESES DEPOIS DE CHEGAR DO PIAUÍ. ELA NÃO SE EMPOLGOU COM A TORRE DE TV, MAS ACHOU A CIDADE BONITA